

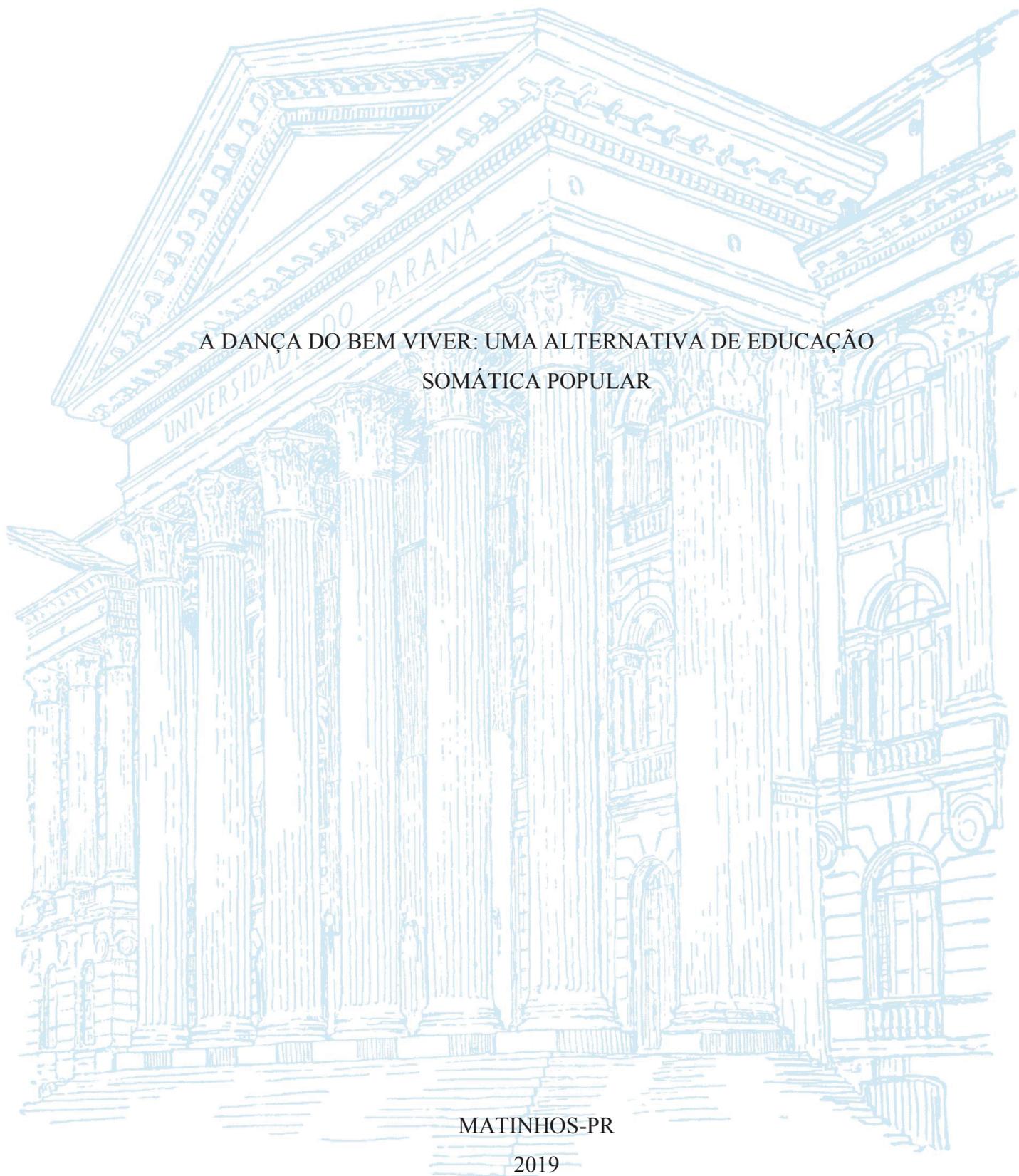
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PAULO RICARDO DO ROSÁRIO DE CARVALHO

A DANÇA DO BEM VIVER: UMA ALTERNATIVA DE EDUCAÇÃO
SOMÁTICA POPULAR

MATINHOS-PR

2019



PAULO RICARDO DO ROSÁRIO DE CARVALHO

A DANÇA DO BEM VIVER: UMA ALTERNATIVA DE EDUCAÇÃO
SOMÁTICA POPULAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Alternativas para uma Nova Educação.

Orientador(a): Prof(a). Ms(a). Susan Regina Raittz Cavallet

Co-orientador: Valentim da Silva

MATINHOS

2019



TERMO DE APROVAÇÃO

PAULO RICARDO DO ROSÁRIO DE CARVALHO

A DANÇA DO BEM VIVER: UMA ALTERNATIVA DE EDUCAÇÃO

SOMÁTICA POPULAR

Memorial apresentado ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

Prof(a). Msc.(a) Susan Regina Raittz Cavallet
Orientador(a)

Prof. Dr. Valentim da Silva

Prof. Msc. José Luiz de Souza Santos

Nome do(a) aluno(a). Paulo Ricardo do Rosário de Carvalho

Matinhos, 09 de Dezembro de 2019.

Dedico este trabalho a todes as/os artistas-docentes que atuam em comunidades, bairros descentralizados e periferias. À Professora Dr^a Marisa de Souza Napolini que me apresentou ao conceito de educador somático e aos universos labanianos com mais ênfase. À líder comunitária Iara Pedroso que me concedeu essa oportunidade e espaço de atuação na Associação de Moradores da Vila Nova. Aos participantes assíduos desse movimento: À Dona Valdeci, Dona Indiara, Seu Valter, Seu Augusto, Dona Joaquina, Dona Iracy, Dona Raimunda, Dona Marlene, Dona Maria de Lourdes, Dona Márcia, Dirce. A meu companheiro Murilo Duarte Feitosa pelo apoio e compreensão nas minhas empreitadas artísticas.

“Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas.

Pessoas transformam o mundo”

PAULO FREIRE

“Isso de ser exatamente o que se é ainda vai nos levar além...”

PAULO LEMINSKI

“E bate louco, bate crimosamente
O coração mais do que a mente, bate o pé mais do que o corpo poderia
E se você mentalizasse na folia
Sabe lá se não seria a solução pra de manhã pensar melhor
E caso fosse a incompatibilidade entre o corpo e consciência
Iria desaparecer, você não vê
Como o corpo preparado pode ser iluminado
Como a luz de uma fogueira que precisa se manter”

OSWALDO MONTENEGRO

“O que faz andar a estrada?

É o sonho.

Enquanto a gente sonhar, a estrada permanecerá VIVA,
É para isso que serve os caminhos, para nos fazerem parentes do
futuro...”

MIA COUTO

RESUMO

Esse trabalho narra minha trajetória na ANE – Especialização em Alternativas para uma Nova Educação na UFPR Litoral na turma 2018. As vivências que tive oportunidade de experienciar e o processo de inserção nesse movimento educacional. Fui provocado a conhecer e compreender os Pilares da ANE e sua práxis ‘As Inters’: inter-territorialidade, inter-disciplinaridade, inter-culturalidade, inter-geracionalidade, inter-institucionalidade, inter-experiencialidade. Através de cada oportunidade vivencial fui compreendendo a necessidade de agir corporalmente em comunidade, propondo uma alternativa de Educação Somática popular na Associação de Moradores do Vila Nova em Matinhos-PR. Desta forma apresento esse processo de compreensão, concepção de projeto e a efetivação da vivência que intitulo como “A Dança do Bem Viver”.

Palavras-chave: Especialização em Alternativas para uma Nova Educação. UFPR Litoral. Educação Somática. Associação de Moradores. Educação Popular.

ABSTRACT

This work narrates my trajectory at ANE - Specialization in Alternatives for a New Education at UFPR Litoral in the class 2018. The experiences i had the opportunity to experience and the process of insertion in that educational movement. I was provoked to know and understand the pillars of ANE and its praxis 'The Inters': interterritoriality, interdisciplinarity, interculturality, intergenerationality, interinstitutionality, interexperenciality. Through each experiential opportunity, I understood the need to act bodily in in community, proposing an a popular methodology at the Vila Nova Residents Association in Matinhos-PR. In this way, this process of understanding, project design and implementation of the experience that is entitled “The Dance of Good Living” is presented.

Keywords: Specialization in Alternatives for a New Education. UFPR Litoral. Somatic Education. Residents' Association. Popular Education.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Noite Cultural do Vila Nova.....	03
FIGURA 2 – Registro do 4º Encontro da ANE de 2018	07
FIGURA 3 – Registro da minha primeira visita a Pró-Crep, ao centro Prof ^a Hélia e Prof ^o Valentim. (Dentro do barracão de coleta dos resíduos).....	08
FIGURA 4 – Registro da Vivência no Sítio do Prof. Valdo. Pedagogia da Roda em momento de síntese.....	09
FIGURA 5 – A Dinamosfera e as 8 ações básicas em Laban	12
FIGURA 6 – Registro da Vivência, alongamento inicial.....	13
FIGURA 7 – Registro da Vivência, Ioga do Riso	14
FIGURA 8 – Registro da Vivência, Barriga-Sorriso e Varal de Riso.....	15
FIGURA 9 – Ilustração da formação inicial em roda, rito de início da Dança do Bem viver, caminhada em roda e em duplas, ou trios.....	17
FIGURA 10 – Ilustração da formação em Ciranda	17
FIGURA 11 – Expressão Livre do Movimento em cardume e revoada	19
FIGURA 12 – Registro da Vivência em cardume e revoada	20
FIGURA 13 – Registro da Vivência em CORPO-TECIDO	21
FIGURA 14 – Registro da Peça “O Ninho” do Coletivo Alquimistas Cênicos.	24

SUMÁRIO

1	O QUE ME TROUXE A ANE?	1
2	CONHECER E COMPREENDER A ANE (UM AGIR COLETIVO)	5
3	COMPREENDER A DANÇA EM COMUNIDADE PARA PROPOR UMA PERSPECTIVA INCLUSIVA E INTERGERACIONAL	10
3.1	CAMINHANDO SE FAZ O CAMINHO: O FLORESCER DE UM EDUCADOR SOMÁTICO POPULAR.....	13
3.2	IOGA DO RISO.....	14
4	A DANÇA DO BEM VIVER	17
4.1	1º JOGO CORPORAL - CAMINHADA HARMÔNICA.....	17
4.2	2º JOGO CORPORAL - CIRANDA CANTADA.....	17
4.3	3º JOGO CORPORAL - DANÇANDO EM CARDUME E REVOADA.....	18
4.4	4º JOGO CORPORAL - CORPO-TECIDO	20
4.5	5º JOGO CORPORAL - FANDANGO	21
4.6	6º JOGO CORPORAL - MASSAGEM EM RODA	21
4.7	7º JOGO CORPORAL – DANÇA DO OLHAR	22
4.8	8º JOGO CORPORAL – CONFIAR DE OLHOS FECHADOS	22
4.9	9º JOGO CORPORAL – DANÇANDO COM AS MÃOS.....	23
4.10	10º JOGO CORPORAL – CIRANDA DE ENCERRAMENTO	23
5	OS VÁRIOS VALES QUE NOS LEVARAM A CONANE CAIÇARA.....	24
6	PROPOR E AGIR – O “SER EDUCADOR” SAIU DO ARMÁRIO	26
	REFERÊNCIAS	28
	APÊNDICE 1 – CARTAZES DOS ENCONTROS.....	29
	APÊNDICE 2 – REGISTROS DOS ENCONTROS NA ASSOCIAÇÃO E NA PRAIA	30
	APÊNDICE 3 – REGISTROS DOS ENCONTROS E SAÍDAS DE CAMPO ANE.....	33
	APÊNDICE 4 – ARTES GRÁFICAS SOBRE A ANE	29
	ANEXO 1 – FORMAS DE APRENDER POR YIUKI DOI	44

1 INTRODUÇÃO - O QUE ME TROUXE A ANE?

Durante os anos de 2015 à 2018, após a **conclusão do curso de Licenciatura em Artes**¹ em 2014 tive a oportunidade de me inserir profissionalmente em uma escola de nível estadual como arte-educador nos anos finais do ensino fundamental. em paralelo a essa atividade consegui realizar uma pesquisa acadêmica em nível de **Mestrado Profissional**², que me oportunizou um olhar mais atento para minha própria prática como docente recém “formado”, e partindo de minhas práticas refletir sobre a educação e seu desenvolvimento no âmbito escolar local, mais precisamente em Paranaguá-PR.

Esse desafio em que a pesquisa acadêmica me propiciou através deste programa de formação em que professores que estão no chão da escola retornassem aos estudos, me trouxe um olhar mais comprometido com o entorno escolar e com a realidade local onde vivo, me fez enxergar a formação docente como um trabalho que requer muita reflexão interna e um elaborado processo de autoconhecimento. Foi necessário aceitar minhas limitações e conclusões acadêmicas pré-estabelecidas e cristalizadas. Desfazendo-me de crenças sobre aprendizagem que me levavam a uma prática docente viciada em alguns paradigmas.

Ao adentrar no contexto da ANE³, após passar por um período focado em cumprir prazos, métodos, e burocracias que recém havia concluído, em Agosto de 2018 ingressei nessa especialização. Nesse período estava muito ansioso por conhecer o que essa pós-graduação viria a ser. Nesse momento me encontrava com muita vontade de exercer muitas descobertas, muitos conceitos dentro de minha área da arte-educação que estavam fervilhando para criar práxis, criar vida.

Meu projeto de inserção se focava em atender uma demanda escolar e local, quando o pensei, elaborei partindo de minhas últimas reflexões profissionais e das práticas docentes dos meus colegas na escola no qual me inseria, era focada na sala de aula e na interdisciplinaridade. Foi uma boa ideia, não a descartei, porém na medida em que conhecia os **pilares em que a ANE**⁴ se constituía e seus autores que a cercam, comecei a rever o meu entendimento sobre a própria noção de educação formal, e avançar no entendimento de uma

¹ TCC do Curso de Licenciatura em Artes:

<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/42935/Paulo%20Ricardo%20do%20Rosario%20de%20Carvalho.pdf> | Acesso em 15/01/2020.

² Proposta Pedagógica e Artigo do Mestrado Profissional em Artes: <https://www.udesc.br/ceart/profartes/turma2016/udesc> | Acesso em 15/01/2020.

³ Turma 2018 de Pós-graduação em nível de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação.

⁴ Pilares da ANE e sua práxis ‘As Inters’: inter-territorialidade, inter-disciplinaridade, inter-culturalidade, inter-generacionalidade, inter-institucionalidade, inter-experiencialidade.

educação fora dos muros da escola. Paulo freire nos fala a respeito de um nível de consciência do inacabado conforme conferimos a seguir:

A consciência do inacabamento em Freire é dimensão indispensável ao processo de construção da autonomia e da produção da educação a serviço da transformação, pois tal dimensão permite ao humano inserir-se num processo de fazer e refazer a história. (GHIGGI, 2010, p.117)

O despertar dessa consciência me fez entender outros lugares nos quais o meu olhar não alcançava, e um desses lugares é a **educação popular**.

No meu primeiro contato com a comunidade, fazendo extensão com o projeto ANE, em meados de outubro já no 3º mês de ANE, consegui enxergar uma oportunidade de trazer a tona um desejo que trazia comigo desde a licenciatura, uma abordagem popular das técnicas e sistemas que estava tendo contato, na área da dança e do teatro. O lugar que me despertou tal possibilidade foi a Associação de Bairro do Vila Nova, em Matinhos-PR. Convidado pela professora Lenir Maristela, tive o primeiro contato com a comunidade em uma quarta feira, onde ocorria um dos encontros de um ICH⁵, mediado por ela.

Nesse contato tinha me prontificado a organizar apresentações culturais de um fechamento de semestre das atividades que ocorriam na Associação, iria ocorrer no mês seguinte, conheci a Iara Aparecida Pedroso, líder comunitária que se tornou entusiasta das minhas ações a serem desenvolvidas. Nessa ocasião aproveitei para ofertar algumas aulas de dança para a comunidade, mas sem grandes planejamentos, apenas levei parte da minha prática docente do contexto escolar para a Associação. Nesse dia tínhamos 8 participantes, e no salão dividimos espaço com o restante do pessoal que estava nas atividades da ICH.

No primeiro momento conheci um pouco do que a associação oferecia, e permaneci o mês de Outubro e Novembro de 2018, tentando ensinar uma coreografia que já estava pronta e utilizava na escola. Os participantes durante esse período eram crianças e adultos, variando entre 5 e 15 pessoas.

⁵ Glossário - ICH: Interações Culturais e Humanísticas (Eixo pedagógico da metodologia vivencial e proposta pedagógica curricular ofertada semestralmente na UFPR Litoral. Com abertura a participação ativa da comunidade externa).

Figura 1: Noite Cultural do Vila Nova.



Fonte: Lenir Maristela, 2018.

Ao final daquele processo de aulas e a tão esperada noite de talentos e fechamento de semestre conforme a Figura 01, consegui articular algumas apresentações artísticas para a comunidade. Mas a ideia de ensinar uma coreografia e a insistência em ensinar passos específicos veio a se desgastar, ao ponto que ficou inviável insistir naquela ideia. Após esse período de final de ano, entre dezembro e janeiro, suspendi a atividade e me coloquei a refletir sobre as primeiras tentativas. Vi que estava querendo percorrer caminhos que a comunidade não estava precisando, que apenas dançar com modelos e passos pré-estabelecidos e mediados por músicas da mídia, não seria uma decisão sábia e que provocasse um olhar somático sobre o corpo.

Então foi quando me propus a retornar a associação com uma nova proposta, com os pés bem calçados no que me movia nos últimos anos, a Educação pelo Movimento. Desta maneira acreditei que a melhor maneira de alcançar a comunidade foi através dos sistemas que sempre pesquisei, e a noção de corporeidade que as Artes da Cena me fizeram conhecer, tendo como norte a Educação Somática, o autoconhecimento e o autocuidado. Meu primeiro contato com esse tipo de abordagem foi na época da Licenciatura, onde experimentava possibilidades de me mover, fugindo do que conhecia como dança antes de entrar na Universidade, na busca de uma consciência em que o corpo estava sempre presente. E partir dessa necessidade os Sistemas de Movimento de Laban⁶ e Feldenkrais⁷ me chamavam mais atenção. “A educação somática nos conduz a inúmeras possibilidades relativas à renovação dos sistemas tradicionais de ensino da dança. Por educação somática, designamos as práticas

⁶ Rudolf Von Laban (1879-1958) foi dançarino e coreógrafo, considerado um dos maiores teóricos da dança do século XX. Dedicou sua vida ao estudo da sistematização da linguagem do movimento em diversos aspectos: criação, notação, apreciação e educação.

⁷ Moshe Feldenkrais (1904-1984) se tornou reconhecido mundialmente como um dos inovadores mais importantes no campo do mecanismo do corpo, da terapia física e da cura.

tais como a de Alexander, Feldenkrais, Bartenieff, a Ideokinesis, ou o Body-Mind Centering. [...] engloba uma diversidade de conhecimentos onde o domínio sensorial, cognitivo, motor, afetivo e espiritual se misturam com ênfases diferentes.” (STRAZACAPPA, 2009).

Essa abordagem somática já me acompanhava como arte-educador, mesmo tendo inúmeros contratempos para que não fomentasse essa dinâmica no contexto escolar, sempre fui insistente. Tive muitos êxitos durante o período de pesquisa que constitui na escola, foram cerca de três anos que me mantive em uma mesma escola através de um contrato temporário. E essa situação era atípica, pois a cada ano se tornava um fardo, pensar que um trabalho feito por um ano, de conscientização ou estímulo a alternativas, estava comprometido se não continuasse no ano seguinte. Esse foi sempre um dos entraves que a minha experiência de educação formal estava fadada, pela ausência de vínculo com a escola. Por isso acredito muito que o professor que tem certeza de sua empregabilidade pode ter melhor êxito em criar o pertencimento junto à comunidade escolar, elemento essencial para uma educação pública formal de qualidade.

2 CONHECER E COMPREENDER A ANE (UM AGIR COLETIVO)

Ter sido selecionado através de uma carta de interesse, é uma inovação em um processo seletivo, acredito que muito do meu interesse por querer ser um “aneano”, veio da curiosidade das alternativas que estavam sendo propostas na primeira turma, tinha alguns educadores que conhecia e que participaram da primeira turma. Meu interesse por alternativas vinha de uma busca na área de educação e da arte-educação. Pois vivo um ambiente desfavorável no contexto formal, no ensino de Arte nos anos finais do Ensino Fundamental. Em minha formação sempre fui provocado a pensar em alternativas nas áreas que a disciplina de Arte precisa se apresentar ao educando. Várias questões me faziam refletir e criar maneiras de atingir a práxis na realidade escolar. Eram meus questionamentos: Como mediar a apreciação e o fazer em Artes Visuais? Sem equipamentos, material e estrutura? Como apreciar e entusiasmar Música? Em um ambiente que sofre interferência sonora e burocrática o tempo inteiro? Como apreciar e propor as Artes da Cena? Sem o devido espaço necessário para uma prática de qualidade?

Com esses questionamentos, me achei a ANE, após uma experiência frenética de 5 anos no ambiente da escola pública e ensino escolarizado. O período anterior a ANE, reflete muito do que trago comigo hoje, as angústias e dilemas que a escola pública enfrenta, os desafios e paradigmas para mudá-los. Mas cabe aqui uma reflexão, se tivesse passado no concurso em 2013, e estivesse atuante desde 2014, o ano que muitos assumiram, penso que poderia ter me acomodado. Tudo bem que defendo que o professor tenha um vínculo duradouro com a instituição, talvez nem todo professor tenha o perfil necessário para se reinventar ano após ano em uma mesma comunidade, talvez essa sensação de segurança possa levar a uma prática docente muito ultrapassada. Eu penso que ter passado esse período na escola, entre atuações em colégios grandes e pequenos na rede estadual, mesmo ainda estudando no segundo ano, me propiciou uma certa flexibilidade para se repensar, se conhecer e afirmar minha convicção e vocação para a educação. Se tivesse desistido no meio do caminho, acredito que não era para ser professor.

A experiência de ter um encontro mensal e tão profícuo para os românticos da educação, e a possibilidade de sonhar junto, pulsar as utopias, refletir as teorias e criar alternativas de um agir sobre a realidade que cada um trás consigo. Me motivou desde o primeiro encontro!

Na medida em que me inseri no coletivo e tendo uma mostra de possibilidades no CONANE Caiçara 2017⁸ que a turma anterior organizou, fui inteiramente provocado a pensar Alternativas para uma Nova Educação. A participação nesse evento foi crucial para me colocar em sinergia com a proposta da ANE, em ver possibilidades reais e alternativas de mudança para se pensar novos horizontes educacionais, como também me recordo que a semente que deixei entrar em meu solo, foi plantada em meados de 2015 quando à convite do professor Valdo Cavallet, e entusiasmado pelo amigo de caminhada José Luiz de Souza Santos (Zeca) que se formou comigo, fui convidado como egresso de Licenciatura em Artes a fazer parte de uma comitiva que participaria do CONANE⁹ em nível nacional. E naquela oportunidade tive muitos paradigmas colocados em suspensão e o que mais me tocou foi o manifesto dos “Românticos Conspiradores” (PASCHOALICK, 2013).

Encontrei naquele manifesto alguns títulos norteadores que podem nos servir de leme para nos conduzir a um horizonte e realidade que encanta:

- Educar-se para a integralidade
- Educar-se em solidariedade
- Educar-se na Diversidade
- Educar-se na Realidade
- Educar-se na Democracia
- Educar-se com Dignidade

Um manifesto com esses norteadores alcançam as pessoas que estão abertas a sonhar, dispostas a mudar a si e o entorno onde atuam, é possível intervir nos paradigmas quando nos alimentamos de esperança, sobre isso o filósofo e educador Mario Sergio Cortella, ao dialogar com Paulo Freire, nos dá um horizonte possível e vindouro:

Segundo o grande pensador da educação, Paulo Freire, é preciso ter esperança para chegar ao inédito viável e ao sonho. Cuidado! Há pessoas que têm esperança do verbo “esperar”. Esse grande educador e filósofo falava da esperança do verbo “esperançar”. Esperar é: “Ah, eu espero que dê certo, espero que aconteça, espero que resolva”. Esperançar é ir atrás, é não desistir. Esperançar é ser capaz de buscar o que é viável para fazer o inédito. Esperançar significa não se conformar. Quando eu coloco água em um copo, ela se conforma ao recipiente e está aprisionada nele. É preciso que você e eu sejamos capazes de transbordar. A esperança permite que você transborde, isto é, vá além da borda. (CORTELLA, 2011)

⁸ Conferência Nacional de Alternativas para uma nova Educação – Edição Regional

⁹ Conferência Nacional de Alternativas para uma nova Educação – Acontece a cada 2 anos. Mais informações em: <https://www.conane.com.br> | Acesso em 29/01/2020.

Cada pessoa é uma via láctea de infinitas possibilidades criativas, de respostas para um mundo que precisa de novas perspectivas e novos horizontes. Existem uma multidão de ‘antagonistas da esperança’ para paralisar as utopias na educação. Mas o agir de cada um depende do outro, viver em REDE, criar, e desatar nós nessa longa jornada, solidariedade e responsabilidade, ingredientes que a ANE tem me inspirado a acreditar.

Não existe prática docente potente, transformadora e vindoura se não houver um pouco de responsabilidade social. Os desafios deste mundo estão a cada segundo esperando ações e não palavras de ordem. Aprendi a enxergar que minhas necessidades e angústias na Educação são parte do outro, tempos e sentidos fora do cotidiano e do sistema, ser em um sentido mais comunitário. Sonho que se sonha junto é o que tem mais chance de ser real, e isso é um exercício permanente que se conhece, compreende e se inspira, ninguém nasceu sonhando, mas muitos nasceram de um sonho.

Figura 2: Registro do 4º Encontro da ANE de 2018



Fonte: Valdo Cavallet, 2018.

Ao adentrar na “**Roda da ANE**”¹⁰, conforme a Figura 2, após o primeiro semestre, a cada encontro mensal minha perspectiva de mundo sobre a educação se transformava. Foram algumas vivências ao longo do trajeto que me impactaram na minha maneira de sonhar o mundo que quero viver e deixar para as futuras gerações. Entre as ações que me potencializaram agir em meu processo criativo e desenvolvimento de meu projeto, algumas vivências foram determinantes, e capazes de me reformular como educador e de como sonhar a longo prazo sem esmorecer.

Figura 3: Registro da minha primeira visita a Pró-Crep - ao centro Prof^a Hélia e Prof^o Valentim. (Dentro do barracão de coleta dos resíduos).

¹⁰ A roda é um elemento pedagógico nos encontros mensais da ANE e suas ações, faz referência a Pedagogia da Roda de Tião Rocha.



Fonte: Registro Pessoal, 2018.

Um desses lugares foi a PRO-CREP¹¹, conforme a Figura 3, essa associação desenvolve atividades socioambientais, no município de Palhoça-SC, e próxima a Guarda do Embaú desde 1992. Suas siglas (CREP) significam (Criar, Reciclar, Educar e Preservar). A associação trabalha com recolhimento de resíduos sólidos recicláveis, biodiesel, para produção de sabão a partir do óleo de fritura saturado e glicerol, também é local de criação de artesanato partindo do reaproveitamento de cerâmicas (mosaico) e roupas para o brechó.

Desde sua idealização na escola, na sala de aula do Ensino Infantil, e a frente desse trabalho está a Educadora Hélia dos Santos, no qual é uma líder comunitária em atividade incessante propondo o desenvolvimento regional e socioambiental, articulando parcerias interinstitucionais, das quais dessas pude conhecer o trabalho deles nessa aula de campo. Ao retornar da viagem comecei a fazer uma leitura do local da possível aplicação do meu projeto, e do paralelo que comecei a enxergar nessa exitosa ponte entre comunidade e escola, propondo uma educação popular e fora dos muros da escola.

Uma frase de autoria desconhecida que me marcou nessa caminhada foi: "**Nenhum de nós é tão bom quanto todos nós juntos**", frase proferida pela Educadora Hélia dos Santos. Essa frase me fez desconstruir muito a ideia de conduzir um grupo, mediar uma sala de aula, pois naquele momento me encontrava formulando minhas ações para realizar na Associação de Moradores da Vila Nova. A premissa de ensinar e de levar o conhecimento a cada um deles estava de certa maneira sendo confrontada, com os lemas e ensinamentos nos quais as atividades interdisciplinares da ANE me oportunizavam a vivenciar.

Paulo Freire propõe que "**Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo**". Dentro desse desafio, os educadores devem enxergar a si mesmos como possíveis organismos de mudança da sociedade. O educador que

¹¹ Para mais informações sobre o projeto Pró-CREP acesse a pagina: <https://www.facebook.com/associacaoprocrep/>

não tem essa premissa de mudar a si mesmo pelo bem de um coletivo ou da sociedade, não pode requerer do educando uma postura mais aberta as revoluções. Acredito que o contato com projetos palpáveis e cheios de alternativas que dão conta de responder muitas questões que os livros nos fazem pensar, nos modificam de dentro para fora.

Figura 4: Registro da Vivência no Sítio do Prof. Valdo. Pedagogia da Roda em momento de síntese.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Outro momento significativo, foi a vivência no Sítio do Professor Valdo em Matinhos, conforme a Figura 4, passamos um dia inteiro participando de algumas dinâmicas **inter-experienciais**, das quais traziam forte o lema da frase da Professora Hélia. Foi um dia incrível e muito significativo, também de aproximação com todo o coletivo de educandos da pós-graduação, foi oportuno para conhecer um pouco mais o outro afetivamente, e as dinâmicas foram determinantes para que tudo fluísse de maneira orgânica.

3 COMPREENDER A DANÇA EM COMUNIDADE PARA PROPOR UMA PERSPECTIVA INCLUSIVA E INTERGERACIONAL

Através de um processo de ressignificação das minhas práticas e experiências, tanto em Dança como no Teatro, o projeto que comecei a constituir, parte de uma vivência prática e semanal, da qual denominei inicialmente de “Bem viver e Dançar”. Foi em 14 de fevereiro de 2019 que decidi ativamente “testar” essa metodologia que buscava reunir pessoas em torno de um objetivo comum em vivenciar a dança numa perspectiva inclusiva e intergeracional. Um dos desafios que se colocaram, foi a disposição do barracão que a Associação se reúne, é um longo espaço coberto que possui muita interferência com sons externos e intervenções sociais diversas. Numa primeira concepção desse tipo de vivência, trazia comigo a referência de um semestre de encontros semanais com a metodologia da Biodanza¹² que tive oportunidade de vivenciar em 2013 na UFPR Litoral, na fase Propor e Agir mediei junto a um amigo Jonathas Gomes de Medeiros o ICH BIODANÇA E EXPRESSÕES CORPORAIS. Através do aval do Professor Fábio de Carvalho Messa que foi entusiasta da proposta. Atualmente o Jonathas é facilitador formado pela escola catarinense de Biodança e atua em Florianópolis, nessa época ele estava em fase final de conclusão do seu título.

Inicialmente quando repensei após o primeiro contato com a Associação nos meses anteriores, minha referência foi a Biodanza como concepção e objetivo de um encontro que fosse mais sociável e afetivo, e isso a Biodanza proporciona com muita propriedade. Porém devido a minha pouca experiência, eu quis me distanciar da metodologia da Biodanza, que pelo que vivenciei, requer uma duração de 2 horas e um local que prima pelo silêncio e pelo conforto espacial para que a prática seja feita com os pés descalços. Cheguei a me perguntar nessa fase se não era ousadia minha, proporcionar algo similar se afastando das características da Biodanza, querendo dessa maneira criar uma metodologia própria, refleti bastante a respeito disso e até aquele momento conclui que minha experimentação docente tanto em ambientes formais e informais já me possibilitaria tal ousadia. Fico a pensar sobre o que trás a legitimidade para um proponente de Educação Somática, a não ser o seu próprio corpo como laboratório e autoconhecimento. Mas também as vivências que ele experimenta junto a grupos em que atua. As vivências que poderiam calçar meus anseios na construção de um método

¹² Inicialmente, a Biodanza foi empregada num experimento onde uma equipe de especialistas da área médica e da psicologia se juntaram na tentativa de humanizar o tratamento psiquiátrico no Hospital da Universidade Católica de Santiago do Chile. Seu criador, Rolando Toro – psicólogo e antropólogo – iniciou o experimento partindo da intuição de que determinadas músicas promoveriam determinadas reações nos pacientes. Disponível em: <https://jobiodanza.wordpress.com/historico/> | Acesso em 29/01/2020.

próprio foram minhas tentativas de desde a Licenciatura buscar no corpo uma resposta significativa para um sentido de vida mais amplo. Essa busca existencial me acompanha desde os meus primeiros passos e movimentos como um transeunte rebelde no universo da dança, com maior foco e interesse na abordagem improvisacional do movimento.

Cada um de nós fala, se move, pensa e sente de modos diferentes, de acordo com a imagem que tenha construído de si mesmo com o passar dos anos. Para mudar nosso modo de ação devemos mudar a imagem própria que está dentro de nós. Naturalmente, o que está aqui envolvido, é a mudança na dinâmica de nossas reações e não a mera substituição de uma ação por outra. Tal mudança envolve não somente a transformação da nossa auto-imagem, mas uma mudança na natureza de nossas motivações e a mobilização de todas as partes do corpo a elas relacionadas. (Feldenkrais, 1977, p.27)

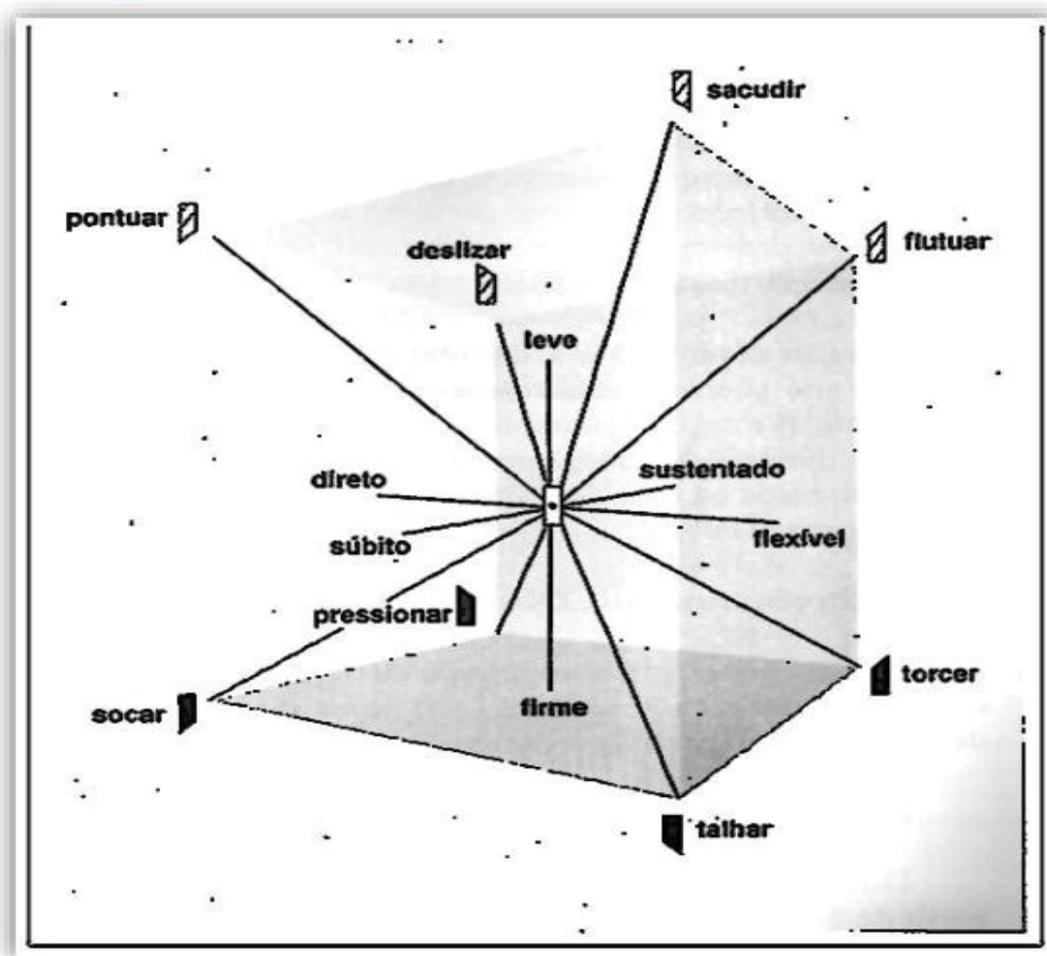
Seguindo essa premissa em movimento e intuitivamente, investi na roda como procedimento de rito, e partindo de uma referência brasileira, que é a dança Ciranda desde a concepção dos primeiros encontros. Também nessa construção e entendimento do lugar que estava movendo, recorri a Laban com quem dialogo e experimento poeticamente a dança através de seu Sistema desde a Licenciatura em laboratórios de dança e oficinas de teatro. Através das qualidades de movimento que ele sistematizou, crie uma sequência de alongamento e aquecimento para a experiência. Em roda começamos a vivência embalada por um ritmo contagiante e alegre e cheio de brasilidade, nesse primeiro encontro selecionei a música Parabelo de Tom Zé e Zé Miguel Wisnik, trilha concebida para ser coreografada por Rodrigo Pederneiras coreógrafo do Grupo Corpo, que sempre foi uma referência cênica para mim. Nessa primeira experimentação na constituição de um alongamento-aquecimento para as vivências, percorri as ações básicas labanianas:

“Conforme a educadora Somática Lenira Rengel define as Ações Básicas de Laban são: 1 – Torcer: sua qualidade de espaço é flexível; sua qualidade de peso é firme, sua qualidade de tempo é sustentada. 2 – Pressionar: sua qualidade de espaço é direta; sua qualidade de peso é firme; sua qualidade de tempo é sustentada. 3 – Chicotear: sua qualidade de espaço é flexível; sua qualidade de peso é firme; sua qualidade de tempo é súbita. 4 – Socar: sua qualidade de espaço é direta; sua qualidade de peso é firme; sua qualidade de tempo é súbita. 5 – Flutuar: sua qualidade de espaço é flexível; sua qualidade de peso é leve; sua qualidade de tempo é sustentada. 6 – Deslizar: sua qualidade de espaço é direta; sua qualidade de peso é leve; sua qualidade de tempo é sustentada. 7 – Pontuar: sua qualidade de espaço é direta; sua qualidade de peso é leve; sua qualidade de tempo é súbita. 8 – Sacudir: sua qualidade de espaço é flexível; sua qualidade de peso é leve; sua qualidade de tempo é súbita.”
(RENGEL, 2005, pág. 46)

Assim temos as 8 ações básicas de esforço, conforme a Figura 5, desenvolvidas e estudadas por Laban, e dessas utilizei 5: FLUTUAR, SACUDIR, PRESSIONAR, TORCER, e DESLIZAR.

Figura 5: A Dinamosfera e as 8 ações básicas em Laban.

Dinamosfera



Fonte: Dicionário Laban de Lenira Rengel

3.1 | CAMINHANDO SE FAZ O CAMINHO: O FLORESCER DE UM EDUCADOR SOMÁTICO POPULAR

Desta maneira sistematizei em meio a experimentação um alongamento-aquecimento, conforme a Figura 6, em movimento circular e espiral, começando pelos braços, passando pelos dedos superiores, ombros, perpassando o pescoço, tórax, costas, barriga, cintura, glúteos, coxas, joelhos, panturrilhas, pés, dedos inferiores.

Figura 6: Registro da Vivência, alongamento inicial.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

3.2 | IOGA DO RISO

E no fluxo da dança das descobertas e experimentações, acresci a essa vivência alguns exercícios que sempre tive desejo de utilizar em grupo e que aprendi numa oficina de Teatro, que é a Ioga do Riso¹³, separei inicialmente 4 jogos de riso para propor conforme a Figura 7:

- **HOHOHO, HAAAA:** Com os punhos esticados a frente dos ombros, circulando com os dedos contraídos, girando em torno deles mesmos, canta-se, HOHOHO.

Figura 7: Registro da Vivência, Ioga do Riso.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Com os braços esticados na altura do tronco à direita e batendo palma 3 vezes, canta-se HAAAA.

Volta-se para o primeiro movimento e cantoria, HOHOHO, e em seguida vira-se para a esquerda na altura do tórax e canta-se HAAAAHA.

Ficando da seguinte forma: 1. HOHOHO; 2. HAAAA; 3. HOHOHO; 4. HAAAAHA. Repete-se até ganhar agilidade e coro vocal, trazendo um riso espontâneo e contagiante.

¹³ Esse estilo de ioga foi criado pelo médico indiano Madan Kataria em 1995. Ela combina pranayama (respiração de ioga), alongamento e risada incontrolável simulada. Quando o riso é praticado em um ambiente de grupo ele logo se torna verdadeiro.

- **BARRIGA-SORRISO:** 1. Segura na cintura e aponta a barriga para cima, canta-se o som de risos HOHOHOHOHOHOH... até o ar suportar. Inspira o ar novamente. Conforme Figura 8.
 - Ainda segurando na cintura aponta a barriga para baixo, canta-se o som de risos HAHAHAHAHAHAH... até o ar suportar. Repete-se até criar sinergia vocal e alegria contagiante.

Figura 8: Registro da Vivência, Barriga-Sorriso e Varal de Riso.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

- **GIRA RISO:** 1. Canta-se para quem está à direita o som de um riso (Ex.: HAHA, HEHE, HIHI, HOHO, HUH); 2. A pessoa que receber o riso passa para o próximo até a roda

toda participar, e assim o riso circula para direita e volta para esquerda, trocando o som sempre que chegar em quem começou o jogo.

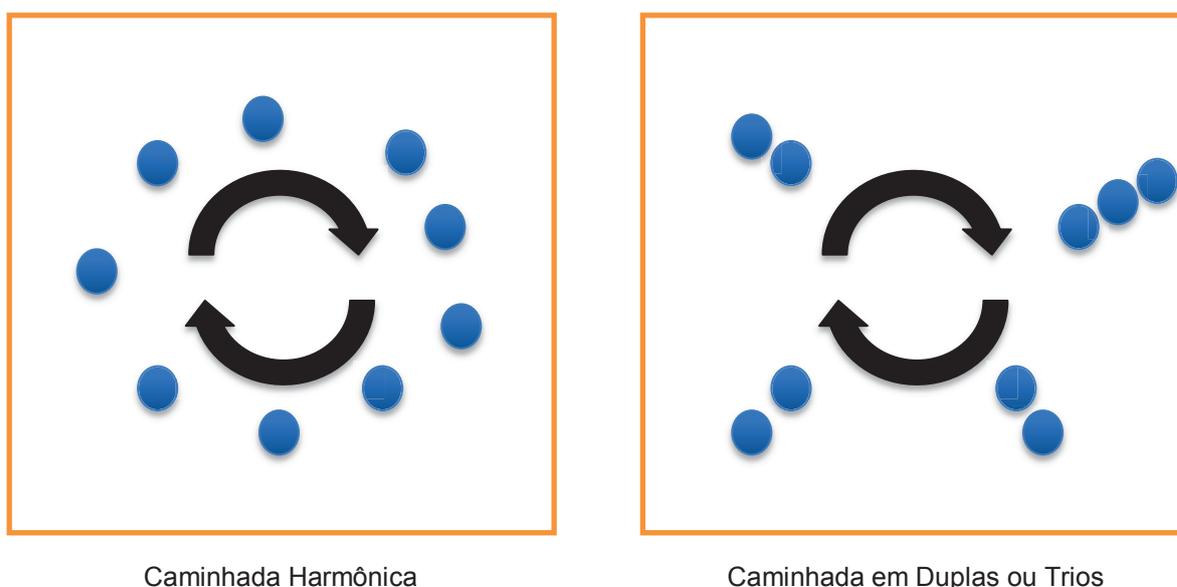
- **VARAL DE RISOS:** 1. Estica-se os braços o mais alto que conseguir, como se estivesse estendendo uma roupa no varal, tirasse os calcanhares do chão (mantendo-se em equilíbrio);
 - Deixa o riso sair na medida que o desequilíbrio acontecer balançando os braços de cima até em baixo, numa explosão de alegria, em movimento arqueado.

4 A DANÇA DO BEM VIVER

4.1 | 1º JOGO CORPORAL - CAMINHADA HARMÔNICA

Após a Ioga do Riso, começamos nossa Roda de Dança em caminhada ao ritmo da música, nesse momento sempre escolho alguma música que possamos acompanhar ao ritmo solto da caminhada, trabalhando a motricidade dos braços e das pernas de maneira harmônica. Também proponho um jogo em duplas ou trios, com mãos conectadas e caminhando na mesma cadência, conforme Figura 9.

Figura 9: Ilustração da formação inicial em roda, rito de início da Dança do Bem viver, caminhada em roda e em duplas, ou trios.



Caminhada Harmônica

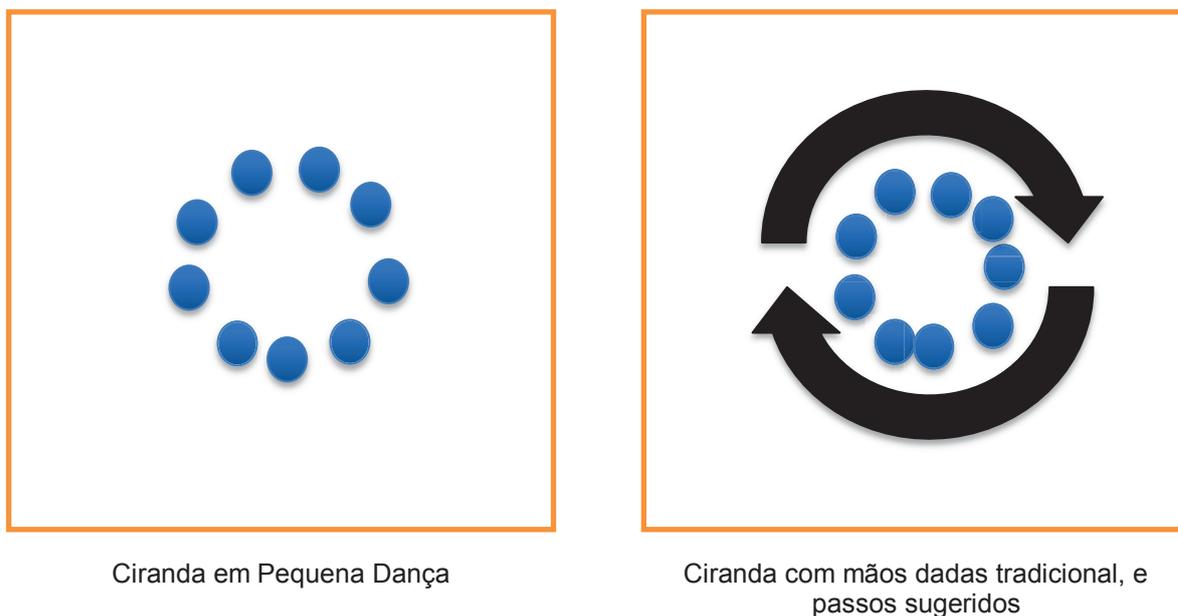
Caminhada em Duplas ou Trios

4.2 | 2º JOGO CORPORAL - CIRANDA CANTADA

Na sequência a formação é em Ciranda conforme Figura 10, com as mãos dadas para formar o círculo, e acompanhado de uma música popular conhecida se incentiva soltar a voz nesse momento e cantar o refrão da música em pequena dança. Alternando entre alguns passos sugestivos e expressão livre do movimento. “Viver e não ter a vergonha de ser feliz, cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz...”¹⁴.

¹⁴ Refrão da música “O Que É, o Que É?” de Gonzaguinha.

Figura 10: Ilustração da formação em Ciranda.



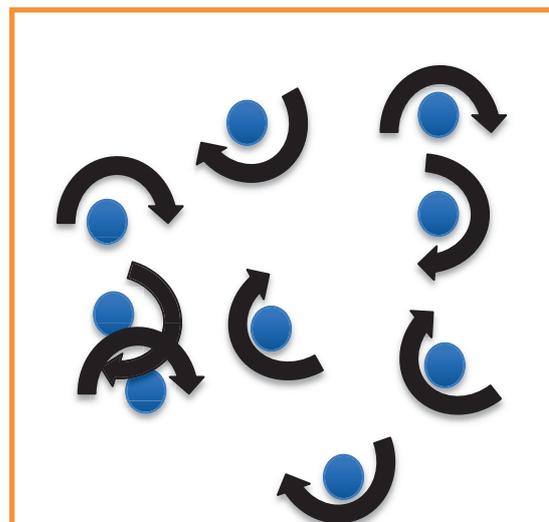
4.3 | 3º JOGO CORPORAL - DANÇANDO EM CARDUME E REVOADA

Dentro das experimentações e sequencias da possível metodologia, escolhi algumas músicas para se tornarem ritos, e a primeira que foi escolhida foi a canção de Maria de Barros que se chama “Riberonzinha”, nesse terceiro jogo corporal tomo a liberdade de sugerir alguns caminhos para experimentação livre do movimento, sugerindo alguns passos que remetem as águas do mar, trago a consciência corporal partindo das articulações e vertebras de toda a extensão do braço, seguindo pelos ombros, pescoço, cabeça, e toda a possibilidade espiralada e circulas que o molejo do corpo proporciona. Nomino algumas ações gestuais para que todos visualizem as ondas do mar partindo de uma inspiração singular de cada participante. Conforme Figura 11.

Figura 11: Expressão Livre do Movimento em cardume e revoada.



Expressão Livre do Movimento, Espirais,
Círculos e Articulações



Preenchendo os espaços com as
possibilidades gestuais e níveis espaciais

Nesse jogo corporal, proponho através das mãos em conjunto a criação de um peixe, e sugiro agrupamentos em forma de cardumes percorrendo e nadando no grande aquário de possibilidades espaciais, diagonais e diametraes.

Na sequência conforme Figura 12, sugiro que tragam a cena pássaros com seus gestos e que convidem uns aos outros para uma grande revoada no espaço disponível em todos os seus níveis e extensões, trazendo dessa forma a consciência da cinesfera¹⁵ e dinamosfera¹⁶ que Laban sistematizou.

Figura 12: Registro da Vivência em cardume e revoada.

¹⁵ [...] é a esfera dentro da qual acontece o movimento. Também é denominada kinesfera. É a esfera de espaço em volta do corpo do agente na qual e com a qual ele se move. O centro da cinesfera é o centro do corpo do agente, e/ou o corpo todo do agente é a locação central da cinesfera. É a esfera pessoal de movimento. Determina o limite natural do espaço pessoal. Esta esfera de espaço cerca o corpo, esteja ele em movimento ou em imobilidade. É delimitada espacialmente pelo alcance dos membros e outras partes do corpo do agente quando se esticam para longe do centro do corpo, em qualquer direção, a partir de um ponto de apoio. Ela determina o limite natural do espaço pessoal. Se mantém constante em relação ao corpo; se o agente se move, mudando sua posição, ele “leva” consigo sua cinesfera e suas mesmas relações de localização. (RENGEL, 2005, pág. 33).

¹⁶ [A dinamosfera] é um diagrama que representa a cruz tridimensional embutida dentro do cubo. Esta figura representa a configuração espacial das polaridades das qualidades de esforço em relação aos fatores de movimento e a configuração espacial harmônica das oito dinâmicas de movimento: Deslizar – talhar(chicotear), flutuar – socar, pontuar – torcer, sacudir – pressionar. (RENGEL, 2005, pág. 45).



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

4.4 | 4º JOGO CORPORAL - CORPO-TECIDO

Nesse quarto jogo corporal, escolhesse uma sequência de 3 músicas embaladas em ritmos latinos e brasilidades, e desta maneira estimula-se a expressão livre do movimento a partir do contato manual de um tecido maleável, que trás a fluidez e a leveza do movimento, entre muitas possibilidades de configuração espacial, entre elas a de dançar em duplas conectadas pelo tecido, conforme Figura 13.

Figura 13: Registro da Vivência em CORPO-TECIDO.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

4.5 | 5º JOGO CORPORAL - FANDANGO

Nesse quinto momento do encontro, seleciono um ritmo caçara, o fandango tocado e cantado pelo grupo “Fandango de Ubatuba”. Nessa dança faço a condução através dos tecidos para conectar o grupo inteiro e puxar a roda no sapateado, entre giros, aproximação e balanço, ao som da viola experimentamos o movimento “puxa de rede” e “joga a rede”. Usando o tecido como uma tarrafa que se joga no mar a beira da canoa.

4.6 | 6º JOGO CORPORAL – MASSAGEM EM RODA

Ao final do 5º Jogo Corporal, recolho os tecidos, e ao som de algum som ao estilo de Nicola Cruz¹⁷, proponho uma roda de mãos dadas que se concentra na música com os olhos fechados, e que com as mãos conectadas, respira, inspira e promove uma massagem ao massagear as mãos do outro, de forma harmônica com toques e uma pequena pressão na massagem, passa a contornar das articulações dos dedos, deixando os ombros e pescoço

¹⁷ Nicola Cruz é francês, mas radicado no Equador. Não se considera DJ, mas um “seletor de músicas”, segundo disse ao jornal peruano El Comercio. Foi com esse espírito, o de selecionar, escolher a dedo sons e ritmos sul-americanos, que ele se lançou ao mercado em 2015, com o primeiro álbum: Prender el Alma.

relaxados, seguindo a cadência e a transcendência produzida pela música. O desafio é deixar o pensamento e a qualidade da presença corporal no momento presente. Se libertando das preocupações e desafios cotidianos e criando um mecanismo de consciência corporal através dessa meditação ativa. Por último existem algumas variações nesse jogo que é conduzir o indicador de cada mão a encontrar conexão com o mesmo dedo do outro e nessa conexão deixar o movimento levar através dos braços com a qualidade de movimento flutuar, e o peso leve.

4.7 | 7º JOGO CORPORAL – DANÇA DO OLHAR

Ao som musical intimista de alguma canção com letra positiva e melódica como, por exemplo, a canção “Trem Bala” de Ana Vilela colocamos nossas mãos na altura dos olhos com os braços esticados, e encontramos os quadrados que se formam entre os dedos para numa brincadeira do olhar, encontrar entre os quadrados que se formam, um escopo que vá de encontro com outros olhares, e num jogo de aproximar-se e se afastar do outro encontro caminhos para aproximar os olhares, entre as diferentes alturas, em um jogo que potencializa o significado e a importância de olhar e perceber a diferença e a diversidade do outro, através de um gesto simples que é olhar nos olhos, as diferentes conexões acontecem sem precisar falar e nem premeditar.

4.8 | 8º JOGO CORPORAL – CONFIAR DE OLHOS FECHADOS

Ao som musical instrumental o convite é para que em dupla ou trio, os participantes se desafiem a guiarem uns aos outros de olhos fechados, um de cada agrupamento ficará durante um período da música de olhos fechados, conectados pelas mãos, quem ficar de olhos abertos guiará o outro pelo espaço, confiando em quem está no comando, o desafio é se entregar ao jogo, trazendo o conceito de cuidado com o bem estar do outro, a autoconfiança e a resiliência. Em dado período trocasse as funções, quem estava de olhos fechados, conduz, e inverte os papéis.

4.9 | 9º JOGO CORPORAL – DANÇANDO COM AS MÃOS

Nesse jogo corporal a proposta é a conexão das mãos em roda, encontrando encostar palma com palma até criar o círculo, e após essa primeira conexão, o desafio é na cadência de uma música instrumental com sopro, os participantes se desconectarem da primeira formação, saindo do contato das mãos na primeira formação para encontrar outras mãos no coletivo, sempre com o objetivo de não ficar sem contato com a mão de alguém. E a dança acontece organicamente, conectando mãos e criando várias estruturas corporais que se movem nas diferentes alturas espaciais.

4.10 | 10º JOGO CORPORAL – CIRANDA DE ENCERRAMENTO

Ao som contagiante da canção “El que no llora no ama” da cantora Simone, chegamos ao final da Dança do Bem viver, em formação de roda, encerramos cada encontro com essa linda música. Ecoamos através das mãos a alegria e o bem viver, numa celebração repleta de renovação e boas intenções, olhares cheios de amorosidade, e no compasso do ritmo da ciranda, fazemos coro de movimento, cadenciando e aceitando cada diversidade de movimento, cada alcance dos passos, e dos descompassos. É uma roda que acontece de maneira assimétrica, enquanto gira, se alcança a confiança e a celebração da alteridade de cada um presente. Ao final da canção de Simone, ainda de mãos conectadas, nos provocamos a encerrar o encontro com uma palavra que busque dar sentido a experiência do encontro, e cada um compartilha essa palavra com o grupo, e após todes falarem suas palavras, nos despedimos compartilhando abraços e muito afeto para todes os presente, almejando estar com o grupo no próximo encontro.

5 OS VÁRIOS VALES QUE NOS LEVARAM A CONANE CAIÇARA

Figura 14: Registro da Peça “O Ninho” do Coletivo Alquimistas Cênicos.



Fonte: Guilherme Prebianca, 2019.

Acredito que uma das maiores experiências na educação tem sido enxergar a rede como um movimento natural de existência e potência, além das relações em pequenos grupos e no coletivo, a ANE me possibilitou ver que para realizar algo que cause um impacto na vida do outro, precisa-se de parcerias e compromissos em rede. Um local no qual aprendi durante o ano de 2019 a formar uma rede de confiança e de sonhos foi o Coletivo Alquimistas Cênicos, esse grupo surgiu de uma vontade que trazia comigo de pesquisar as Artes Cênicas a partir da Experimentação e de Laboratórios Cênicos, no qual começamos a nos reunir na minha casa, a partir de agosto de 2018. A princípio sem grandes pretensões e sem compromisso com qualquer produto espetacular, nos debruçamos no sistema de investigação cênica chamado “Campo de Visão¹⁸” de Marcelo Lazzaratto, como também no conceito e exercício “Platô¹⁹” de Lecoq, e no sistema improvisacional de Dança Contemporânea, Contato Improvisação²⁰ de Steven Paxton. Fomos gerados podemos dizer no tempo e paralelo a turma ANE 2018. O Coletivo se constituiu como grupo de teatro ao longo de 2019, participando de 3 festivais de teatro regionais (Colombo, Pontal do Paraná e Paranaguá) com a peça “O Ninho”, conforme

¹⁸ O Campo de Visão é um exercício improvisacional de teatro cuja sistematização se deu durante a proposta do espetáculo *A hora em que não sabíamos nada uns dos outros*, de Peter Handke, que foi montado pela Companhia Elevador de Teatro Panorâmico com direção de Marcelo Lazzaratto. O Campo de Visão engendra tudo o que acontece na cena a partir de suas regras e formulações.

¹⁹ O Platô criado na Pedagogia de Lecoq, é um exercício onde todos se posicionam inicialmente em círculo e uma pessoa entra no espaço de jogo. Automaticamente uma pessoa que está do outro lado do círculo deve entrar para equilibrar o espaço como se estivéssemos em um bloco de gelo flutuando no mar. Se este bloco não se equilibrar ele vai virar e todos se afogam. A ideia do jogo é que esses dois primeiros comecem a se relacionar nesta dinâmica de equilíbrio e desequilíbrio, quem está de fora deve estar atento para quando o jogo ficar desinteressante, entrar no espaço para se relacionar com a dupla, que deve se juntar e formar um coro que joga com o novo elemento que entrou.

²⁰ Contato Improvisação é um sistema improvisacional criada pelo coreógrafo norte-americano Steve Paxton em 1972. Consiste na exploração de movimentos corporais improvisados através de princípios como o toque, a troca de peso e a consciência corporal. Praticada em diversos países, e com muitos praticantes no Brasil.

figura 14, uma adaptação livre feita em coletivo da “Conferências dos Pássaros” por Farid ud-Din Attar, um livro de poemas sufi. Intercalamos a releitura desses poemas com retalhos poéticos de Rubem Alves, Marina Colosanti, Paulo Leminski, Fernando Pessoa e Oswaldo Montenegro. E após muitos encontros, ensaios, pesquisas, retalhos e costuras, e depois de passarmos pelos festivais apresentamos a peça no CONANE CAIÇARA DE 2019 no auditório da UFPR Litoral, como parte da programação do evento, oferecendo um momento de reflexão que o texto conduz a todes que tiveram a oportunidade de apreciar.

Quando ofereci a peça para integrar a programação, eu não tinha noção do impacto que ela causaria em algumas pessoas. Após a nossa apresentação, muitos vieram nos agradecer pela mensagem, que foi algo muito potente e admirável e que foram surpreendidos pelo espetáculo.

A peça fala de uma busca de 4 semideuses, que são pássaros e também humanos, após o surgimento desses seres em meio a simbiose sonora e cênica, eles surgem, trazem a luz suas identidades, cores, e personalidades. Na descoberta de si e dos outros, enfrentam 7 vales, sendo eles: o vale da abnegação, da ânsia, do amor, do desapego, da perplexidade, da busca e do conhecimento. A identificação dos personagens com o coletivo, e também com seus anseios individuais, é um universo de leituras para respostas que só a Arte consegue trazer, ou tentar, mesmo que ela mesmo não saiba como diz Oswaldo Montenegro. O teor poético da peça traz de forma leve e poderosa a mensagem de esperança que a ANE com seus conceitos e ideais tanto nos fascina.

Uma curiosidade nesse processo de concepção criativo, foi saber que o tempo de maturação da peça, seu tempo de nascimento, se dá em paralelo com a trajetória da turma 2018. Acredito que essa fascinação e descoberta de um porque, faz parte de nossas vidas como educadores. Como artista-docente ao criar e inventar formas, metodologias e teorias, em primeiro momento não temos discernimento do quanto aquilo que propomos alcançará de potência, para novos paradigmas e novos horizontes, por isso “O Ninho” se constituiu de uma maneira muito orgânica e consistente, pois não criamos necessariamente algo para cumprir uma data ou um evento, mas o processo foi muito intrínscico aos sonhos e anseios que carrego comigo na educação, e que acabou influenciando a todes os atores, entre eles Breno Oberdan e Daiane Araripe, também educadores e colegas de turma na ANE 2018, e outros que são arte-educadores também.

Seguindo a perspectiva de alcançar outros públicos e impactar outras pessoas, continuamos trabalhar na peça como coletivo. Esperamos dessa maneira conseguir levar a mensagem que tanto acredito, precisamos de um propósito maior na educação, pois é esse

propósito que não nos deixará sozinhos. Quando acreditamos em um propósito maior, na vida, no trabalho e na existência, nos ajudamos e nos fortalecemos. Em revoada resistimos nos alternamos na condução, em parcerias, olhando sempre a frente do nosso tempo, carregando conosco o verbo Esperançar.

6 PROPOR E AGIR – O “SER EDUCADOR” SAIU DO ARMÁRIO

Eu acho que a palavra é angústia, carrego comigo, a tão conhecida angústia. Ela que me possibilita se perder e me encontrar dentro de mim, perceber entre tantas escolhas, o ser educador. Acredito que existam vários armários para “SAIR” ao longo da vida. Quantos armários ainda me prendem? Quantos medos que nos fazem companhia em tantos armários dessa vida? Existe um armário que não deixa o Educador sair de dentro de mim? Até quando vou dar desculpas para não aceitar o educador que habita dentro de mim?

Quando entrei na Licenciatura, mal sabia os desafios que a docência reservava, foi um período para se perceber, mas logo se passam 4 anos, passei pelos estágios, e quando me dei conta, concluí o curso ainda com o “SER EDUCADOR” trancado no armário. Acredito que é natural muitos educadores não se descobrirem EDUCADORES de fato, no período de formação inicial. Acredito que é o período que temos para criar a coragem necessária para “sair do armário”, é preciso ter coragem. É preciso ser curioso, persistente, sonhador, e ter muita ousadia, para ressignificar as velhas práticas da educação, e os olhares sobre as práticas educativas cristalizadas. Hoje penso que o contato com a universidade me fez olhar com outros olhos para minha região do litoral do Paraná, um olhar comprometido com a educação sem abrir mão do compromisso social que devemos ter como contribuintes para uma sociedade mais justa e fraterna.

Apesar desse movimento que constitui na Associação de Moradores do Vila Nova estar intimamente ligado a minha caminhada na ANE, foi realmente caminhando que aprendi que para abrir novos caminhos e horizontes, só é possível através de muita coragem, e muito esforço, uma quantidade imensa de generosidade de várias pessoas, é preciso lançar a rede, construir laços, atar e desatar nós, é preciso confiar de olhos abertos e de olhos fechados nas pessoas, mesmo que o medo queira tomar conta, sempre espero o melhor das pessoas, as decepções com o outro fazem parte da aprendizagem, somos uma geração de sonhadores, muitos frutos que colhemos já foi semente de muito esforço e ideais de muitos educadores antes de nós, é preciso ter força e coragem para não esmorecer, o dinheiro é um fator

importante nessa dura caminhada, mas ele não é a razão principal para o ofício do educador popular.

Aprendo muito nesse movimento que continuo mediando, que o ato voluntário quando feito com amor e comprometimento sempre dá frutos, a transformação pessoal em nós é inevitável, um fluxo que se perpetua a cada passo. A palavra que a ANE me faz acreditar, é a TRANSFORMAÇÃO, de dentro pra fora, de fora para dentro, de mim para outro, numa grande roda, mudamos por que precisamos, mudar o mundo começa por mudar a nós mesmos.

Quero continuar a fazer parte dessa ANE-dança, contínua e incansável mudança.

REFERÊNCIAS

CORTELLA, Mario Sérgio. **Artigo “O verbo esperar”**, 2011. Disponível em: <<http://www.mscortella.com.br/o-verbo-esperancar-4a>>. Acesso em: 29 jan. 2020.

FELDENKRAIS, Moshe. **Consciência pelo movimento**, São Paulo: Summus Editorial, 1977.

GHIGGI, Gomercindo. **Paulo Freire e a revivificação da educação popular**. Educação. Porto Alegre, v. 33, n. 2, p. 111-118, mai/ago 2010.

PASCHOALICK, Ely. **Manifesto “Mudar a Escola, Melhorar a Educação: Transformar um País”**, 2013. Disponível em: <<http://manifestopelaeducacao.blogspot.com/2013/10/>>. Acesso em: 29 jan. 2020.

RENGEL, Lenira. **Dicionário Laban**. 2ª edição. São Paulo: Annablume, 2005.

STRAZACAPPA, Márcia. **Tradução do Artigo de Sylvie Fortin chamado “Educação Somática: Novo Ingrediente da Formação prática em Dança”**, 2009. Disponível em: <<http://arteeducacaoterapia.numin.org.br/educacao-somatica-novo-ingrediente-da-formacao-pratica-em-danca/>>. Acesso em: 28 jan. 2020.

APENDICE 1 – CARTAZES DOS ENCONTROS

Arte: Arquivo Pessoal

OFICINAS DE DANÇA

Educação pelo movimento

Estilos: Bases de Hip Hop, Dança em Linha e Movimento Charme
PRÁTICA DE PASSOS BÁSICOS
NÍVEL INICIANTE
TOD@S SÃO BEM VINDOS
ESPAÇO PARA VIVÊNCIAS A DANÇA EM COLETIVO

Quarta e Sexta - 14h30 às 16h
À partir de 8 anos
Professor Paulo Ricardo D'Carvalho
Local: Associação de Moradores da Vila Nova - Caiobá - Matinhos-PR




INÍCIO
14FEV
18H30
ÀS 20H

LOCAL: ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO VILA NOVA CAIOBÁ

RESPONSÁVEL: PROF. PAULO RICARDO D'CARVALHO

OFICINA SEMANAL

BEM-VIVER-&-DANÇAR

VIVÊNCIA SEMANAL COM PRINCÍPIOS DA BIODANÇA, CIRANDA, E SISTEMA LABAN. FOCO NA REEDUCAÇÃO DO MOVIMENTO INTEGRAÇÃO HUMANA E REEDUCAÇÃO AFETIVA.

À PARTIR DE 18 ANOS

GRATUITO

QUINTA FEIRA
18H30
ÀS 20H

OFICINA SEMANAL

BEM-VIVER-&-DANÇAR

LOCAL: ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO VILA NOVA CAIOBÁ

RESPONSÁVEL: PROF. PAULO RICARDO D'CARVALHO

VIVÊNCIA SEMANAL COM PRINCÍPIOS DE YOGA DO RISO, CIRANDA, E SISTEMA LABAN. FOCO NA REEDUCAÇÃO DO MOVIMENTO INTEGRAÇÃO HUMANA E REEDUCAÇÃO AFETIVA.

À PARTIR DE 18 ANOS

GRATUITO



ENCONTRO EXTRA DOMINGO
9H
NA PRAIA BRAVA

TRAZER UMA FRUTA

CONCENTRAÇÃO 8H30
LOCAL: ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO VILA NOVA CAIOBÁ

RESPONSÁVEL: PROF. PAULO RICARDO D'CARVALHO

Quinta às 18h30

OFICINA SEMANAL

BEM-VIVER-&-DANÇAR

VIVÊNCIA SEMANAL COM PRINCÍPIOS DE YOGA DO RISO, CIRANDA, E SISTEMA LABAN. FOCO NA REEDUCAÇÃO DO MOVIMENTO INTEGRAÇÃO HUMANA E REEDUCAÇÃO AFETIVA.

À PARTIR DE 18 ANOS

GRATUITO

A Dança do Bem viver

Yoga do Riso, Ciranda, Consciência Corporal, Jogos Corporais e Afetivos.

Toda Quinta-feira às 19h

RESPONSÁVEL PROFESSOR PAULO RICARDO D'CARVALHO

APENDICE 2 – Registros dos Encontros na Associação e na Praia

Fotografia: Arquivo Pessoal







APENDICE 3 – Registros dos Encontros e Saídas de Campo ANE

Fotografia: Arquivo Pessoal











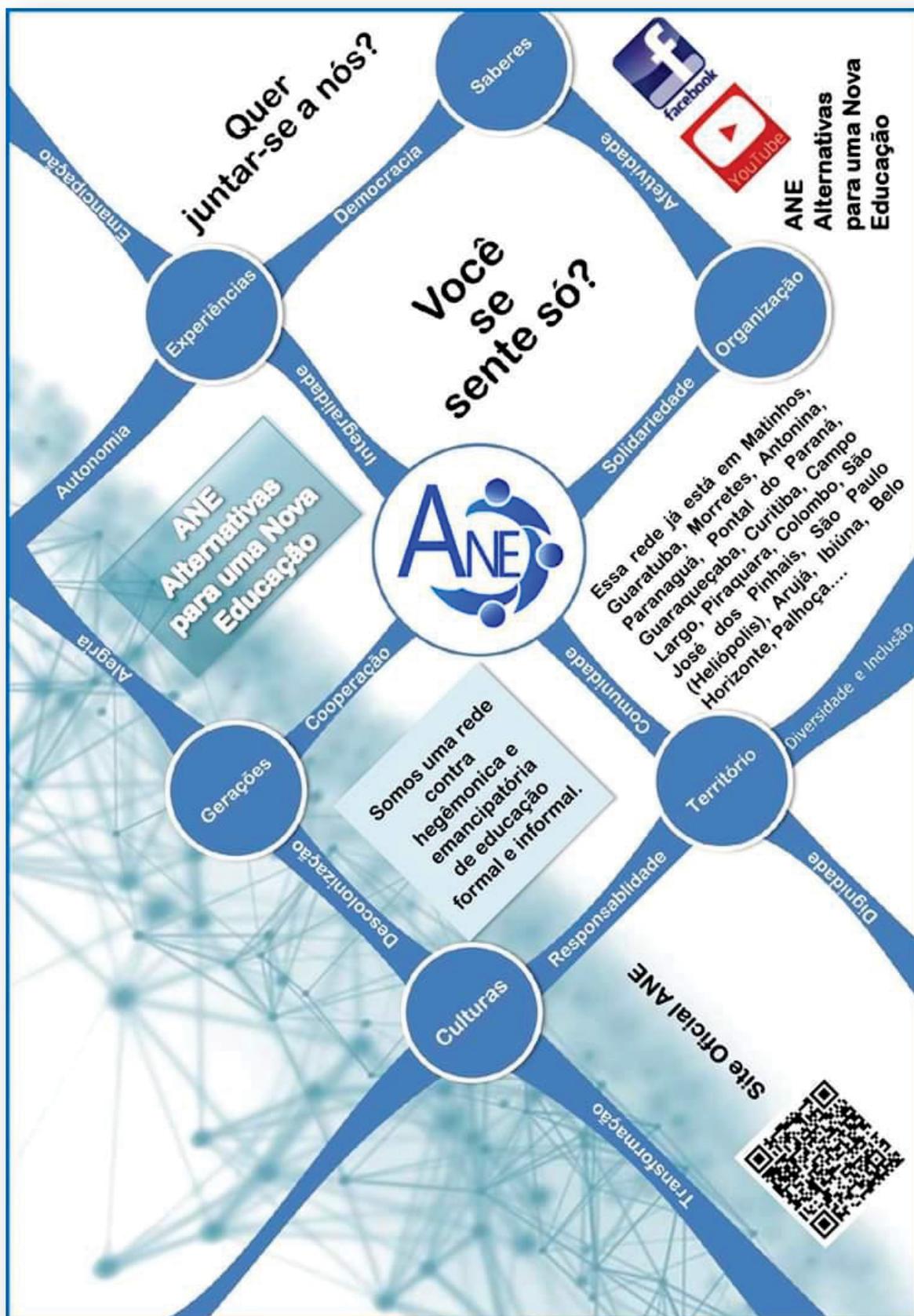




APENDICE 4 – ARTES GRÁFICAS SOBRE A ANE

Arte: Arquivo Pessoal





INFORMATIVO

Alternativas para uma Nova Educação



Um novo vírus

Cientistas descobrem novo vírus altamente contagioso, Vírus ANE. Se você encontrar alguém alegre, unido, feliz, esperançoso e persistente, tenha cuidado pois não há cura.

Um novo ânimo

ANE - Construções provocativas, cooperativas, dialógicas e inimagináveis na educação.

Rede de Comunicação e cooperação se reúne para vivenciar

Construindo redes de interterritorialidade.

Anean@s conclamam: Queremos Mais!

Queremos um universo de possibilidades!

UFPR Litoral
Educação e Territórios

Edição I - DEZ - 2018

Esse é um informativo especial, edição limitada de final de ciclo, onde se encontra uma síntese das vivências experienciais do dia 01/12/18.

Apesar do caos e da frustração no cenário político brasileiro, educadores reunidos impulsionam novas alternativas para a educação. A pequena chama quando organizada pode se tornar energia suficiente para mover mundos. O propósito de mudanças sejam elas sociais ou culturais quando calcadas no processo coletivo, fomentam a evolução concreta do ser humano.

Encontro Aneano gera experiências inovadoras

Companheirismo e gratidão andam de mãos dadas! Conhecimento e sabedoria são os guias.

Paixão marca o encerramento do ano letivo da ANE 2018

E que venha novas emoções.

Aneanos são encontrados ao pé da Serra

Desconstruindo sua utopia.



A DANÇA DO BEM VIVER E A IOGA DO RISO NA COMUNIDADE DO VILA NOVA-CAIOBÁ

Vivências de Educação Somática com foco na reeducação do movimento e da afetividade

Paulo Ricardo D'Carvalho – pauloricardo.dcarvalho@gmail.com



O Projeto surge a partir da rede ANE, que ampliou o olhar sobre as demandas comunitárias da cidade onde vivo em Matinhos-PR, em parceria com a Associação de Moradores do Vila Nova-Caiobá encontro um lugar de aplicação para um desejo antigo de pesquisa que carregava comigo desde a graduação. Esse projeto possibilita o acesso a experiências de dança e educação somática na comunidade, oferecendo um encontro semanal com duração de 1h15, onde trabalhamos exercícios oriundos da Dança Contemporânea, princípios do Sistema Laban, a dança Ciranda, e a loga do Riso na busca por uma metodologia que preze o bem-viver e o bem-estar em primeiro lugar para as pessoas que participam da vivência. *Os saberes utilizados nesse projeto são experiências que tive acesso na minha Licenciatura e no decorrer da minha trajetória como professor-artista-espectador na área de Arte com foco maior em Dança e Teatro. Venho desenvolvendo desde 2011 uma pesquisa com Dança Contemporânea, e com Oficinas de Teatro no ambiente escolar, acadêmico e em outros espaços formais ou não...*

As atividades iniciaram em fevereiro desse ano de 2019, em busca de uma dança que dialogasse com a comunidade de maneira intergeracional e interexperencial. Nasceu assim a partir dessas demandas a seguinte metodologia: Inicia-se com um alongamento de 10 minutos, em seguida trabalhasse a expressão vocal através dos exercícios da loga do Riso, na sequência antes de entrar nas músicas e danças, a orientação é que não se utilize a voz durante a dança, afim de potencializar o movimento expressivo. No fluxo dessa dinâmica percorresse por exercícios oriundos da Educação Somática (Sistema Laban) em Círculo, da Dança Contemporânea e a Dança Ciranda. Nessa metodologia também é utilizado tecido como estímulo de movimento, para que os partícipes sintam-se encorajados a experienciar maneiras e possibilidades de movimento além do seu cotidiano. *A sequência de músicas segue a métrica de 12 músicas, sendo 7 de celebração e 5 de reflexão com melodias mais calmas, oportunizando a prática integrativa e o desenvolvimento da afetividade e do autoconhecimento.*



UFPR
Litoral
Educação é a nossa praia



ANEXO 1 – Formas de Aprender por Yiuki Doi

Autor: Yiuki Doi

Fonte: <http://desvaneco.blogspot.com/2009/07/6-formas-de-aprender-2-triades.html>



9 FORMAS DE APRENDER

